

## Seguindo a estrela: Mateus e o Apócrifo de Pedro na Epyphania de Giotto em Pádua

Cintia Maria Falkenbach Rosa Bueno\*

### Abstract

Following a Star: Matthew and Peter's apocryphal in the Epyphania of Giotto in Padua

The goal is to establish the influence of Matthew's Gospel and Peter's apocryphal on the image of the fresco of the Adoration of the Magi from the Giotto Scrovegni Chapel in Padua. The issues raised deal with the likely origin of the wise men, the controversy raised by the trajectory of the star and if it is a theological or astronomical phenomenon. It also explores aspects of Jewish-Christian Gospel of Matthew and the question of recognition of the Infant Jesus as the Messiah, the founder of a new ethic that was to unify the people of Israel and would the salvation of Jews and all peoples.

Epiphany, Giotto, Matthew's Gospel.

Figura: A Adoração dos magos de Giotto, 1304-1306. Capela Scrovegni, Pádua, Itália.



Fonte: [https://worldhistoryatyhs.wikispaces.com/Jesus+Birth+Stories++\(Religious+and+Historical\)](https://worldhistoryatyhs.wikispaces.com/Jesus+Birth+Stories++(Religious+and+Historical))

Nem tanto por que a ação se dê no deserto, ou mesmo porque uma estrela de grande magnificência pode ser vista pelos céus, que a obra de Giotto é menos obra de arte do que obra teológica, ou mesmo símbolo de um dogma cristão: o da condição divina do Menino Jesus. A Epiphania, nome pelo qual é conhecida essa passagem bíblica, é um termo que vem do grego e significa *manifestação, aparição, fenômeno miraculoso, momento privilegiado de revelação* ou ainda, *incidente que ilumina a vida do personagem*, que no contexto bíblico, designa a primeira manifestação de Jesus às Nações segundo uma profecia judaica que está no Antigo Testamento, em Isaías, versículo 60: 1-22 onde Jerusalém é restituída à sua glória. Assim em 60.6 é dito que “A multidão de camelos te cobrirá, os dromedários de Mídia e Efa; Todos virão de Seba: ouro, incenso e mirra trarão e publicarão os louvores do Senhor”. A profecia fala sobre um evento divino: o da condição concomitante de homem e de Deus do

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade de Brasília. Orientanda da Professora Dra. Maria Eurydice de Barros Ribeiro.

Menino Jesus e que é recorrente em forma de profecia em diversas religiões. Zoroastro previu que uma virgem daria a luz a um menino anunciado por uma estrela e que seria renegado pelos seus. Os judeus têm a profecia em Números 24.17: “vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó e um cetro subirá de Israel”. Os cristãos reconhecem em Cristo o messias, o redentor dos pecados da humanidade profetizado no Antigo Testamento. Aquele que é Deus e homem e que vem para redimir os pecadores.

Sabe-se que a Igreja e a nobreza contratavam prodígios de seus tempos e com eles realizavam obras de extremo valor artístico. Esta iniciativa ajudava a manter viva a fé dos cristãos e a crença na veracidade das narrativas dos eventos bíblicos. Esta imagem existe por isso e é parte de um conjunto de imagens encomendadas por Enrico Scrovegni que foi realizada na Capela de Arena por volta de 1304-1306. Ao que parece, esta iniciativa pode ter sido a pioneira na prática da doação caridosa ao ter por patrono um cidadão particular importante financiando um artista na decoração de uma capela. (LINK, 1998, p. 146) E não foi à toa uma vez que Dante, segundo consta na Divina Comédia, teria sido interpelado por Rinaldo Scrovegni, pai de Enrico, no sétimo círculo do inferno onde estão sendo castigados os que praticavam a usura, quando o florentino seguia em sua jornada pelo limbo tendo Virgílio por guia. Motivo para a doação à Igreja não faltava. Enrico intercedia por seu pai e por ele próprio, portanto, foi um personagem importante aqui e com um duplo motivo. Em seu contrato com Giotto assegurou-se de que o próprio pintaria sua face na cena do Juízo Final em que aparece de joelhos entregando a capela a Virgem.

Figura 2 – Juízo Final. Capela Scrovegni, Pádua. 1304-1306



Fonte: <http://www.wga.hu/support/viewer/z.html>

Apesar da dificuldade em localizar fontes fidedignas que contivessem qualquer informação sobre o tema dos reis magos, mesmo em setores consultados da Igreja como as Edições Paulinas e o site dos freis capuchinhos menores, que não puderam nos fornecer qualquer fonte literária que pudesse confirmar ou mesmo contradizer o que a tradição oral e visual popular consagrou, permanecemos tentando estabelecer por meio da iconografia e da

iconologia da imagem de Giotto elementos que nos permitam uma aproximação no caminho em direção à origem e à função dos reis magos e da estrela nesse relato.

### **A natividade bíblica em Mateus e suas peculiaridades**

Segundo Panofsky o tema da adoração dos magos não é um tema iconográfico autônomo. É um tema secundário. (PANOFSKY, 2004, p. 64) Este tema faz parte da iconografia da natividade e a natividade com os magos presentes na Bíblia está apenas em Mateus. Parte da imagem de Giotto da Capela Scrovegni em Pádua está baseada nesse evangelho versículo 2, 1-12.

Podemos entender o aparecimento dos reis de várias formas. Eles rendem homenagem e trazem oferendas ao mesmo tempo em que representam e são, homens ricos e poderosos de outras terras e religiões, que reconhecem no Menino Jesus o Messias profetizado por uma estrela. Giotto manteve nesse afresco seu estilo habitual de formas simplificadas. Utilizou-se de cores suaves e celestiais que aparecem em outras cenas de outros afrescos da capela que retratam a vida da Virgem e de Jesus. O reconhecimento da divindade do menino é marcado pelo rei ajoelhado. Sua coroa está fora de sua cabeça e colocada aos pés da Virgem. Um rei poderoso retirando a coroa e ajoelhando-se ante Maria, algo digno de extremo respeito. Isto parece remontar a um aspecto de época, a uma tradição iconológica dentro das representações da natividade porque vem da iconografia de Mateus: “e prostrando-se o adoraram.” O rei de Giotto beija os pés do Menino Jesus. Na pintura de Gentile de Fabriano de 1423, o rei ajoelhado também retira sua coroa e a deposita aos pés da Virgem, em outras pinturas da época o rei ajoelhado da mesma forma beija os pés do Menino Jesus.

Matheus, do hebraico *Matatias*, significa “dom de Deus”<sup>1</sup>. O apóstolo era um cobrador de impostos. Seu evangelho é o primeiro livro do Novo Testamento, o mais longo e o que mais referências faz ao Antigo Testamento. É o único evangelista a relatar a visita dos magos desconsiderando-se os livros apócrifos. Diz-se que seu evangelho foi escrito para os judeus recém-convertidos ao Cristianismo. Ele utiliza-se de estratégias presentes no Antigo Testamento. A fonte<sup>2</sup> ainda informa que: este foi o evangelho mais usado na Igreja Primitiva; o tema do *Reino dos céus* aparece várias vezes; Jesus descende de Davi; o evangelho está dividido em cinco livrinhos como o Pentateuco; Jesus assim como Moisés sobe a montanha; é

---

<sup>1</sup> Informação obtida em janeiro de 2009 no site <http://www.ofmcapuchinhos.org.br/biblia/Evangelho%20de%20S%20E3o%20Mateus.pdf>

<sup>2</sup> Informação coletada em janeiro de 2009 no site <http://www.ofmcapuchinhos.org.br/biblia/Evangelho%20de%20S%20E3o%20Mateus.pdf>

um evangelho que privilegia os números: as três tentações de Cristo, as três súplicas no monte das Oliveiras e as sete parábolas sobre o Reino; o batismo substitui a circuncisão e isto não é tudo, o que faz deste um evangelho repleto de questões familiares ao povo judeu. Existe uma preocupação de Mateus em ligar o Messias, Jesus, a casa de Davi. A estrela de Davi é a mesma chamada pelo judaísmo de estrela de Jacó, profetizada em Números 24: 17, como já relatamos acima. A estrela é um símbolo judaico e também um selo de realeza e pertencimento a tribo escolhida, a tribo de David. Desta forma, este evangelho mantém ainda a salvação para o homem passando pelas mãos do Messias vindo do povo judeu, pois Jesus é da casa de David. Existe também uma profecia judaica que prevê a vinda do “filho da estrela”, o Messias ou Yeshua, nascido de uma virgem, que morre pelos nossos pecados, que é Deus e homem e está ligado a cisão do reino de Israel em dois: O Reino de Israel e O Reino de Judá, após o reinado de Salomão filho de Davi. Neste momento aparece a crença em um Messias que iria reunir Israel e restaurar o poder de Deus sobre o mundo, o Judaísmo Messiânico. O Messias para os cristãos é Cristo, que é aquele que vem redimir a humanidade de seus pecados. Ele é o salvador que introduz a esperança para se alcançar o Reino dos Céus. Embora possamos localizar em Mateus muitas questões que encontram paralelo no Judaísmo, devemos também nos lembrar que o Cristianismo vem com uma mensagem universal que introduz o perdão por meio do amor e prega que amemos uns aos outros sem distinção.

Como bem vemos, a imagem de Giotto segue em muitos momentos o relato de Mateus, mas restam questões pendentes, porque a imagem também mostra coisas que não estão lá. No versículo 2,10-11 ele diz: “E vendo eles a estrela, alegraram-se muito com grande alegria. E, entrando na casa acharam o menino com sua mãe, e prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra”. Estas são as palavras de Mateus, mas na pintura de Giotto não existe uma casa. O que existe é uma cobertura recorrente em muitas pinturas da época, uma cobertura sem paredes, e atrás dela uma rocha para a qual não há referência, mas o símbolo é bem claro para um cristão, o Salmo 18.2 de Davi diz: “o Senhor é o meu rochedo”. O cenário é o deserto de Israel porque eles estariam nas cercanias de Belém. Sabe-se que na Idade Média toda imagem que falasse das escrituras passava pela supervisão da Igreja. Giotto conhecia bem estas regras porque ele havia pintado muitas imagens diretamente nas igrejas dos franciscanos. Apesar de se tornar conhecido como o “pintor dos franciscanos”, não era devoto do santo. Muito cedo, ainda na infância, manifestou esplêndido talento artístico. A despeito da opinião de seus pais, o desenvolveu, e no momento da execução desta encomenda, que incluía uma série de afrescos na Capela Scrovegni, Giotto era um mestre famoso que cobrava bastante caro por suas pinturas. Mas o

que percebemos em sua Adoração é que apesar de ser uma encomenda que possivelmente contou com diversas exigências de Scrovegni, Giotto manteve a naturalidade e simplicidade que caracterizam seu estilo e se utilizou da sutileza das tonalidades pastéis que criam um clima celeste e espiritual. Existe ainda uma outra questão pertinente a imagem relacionada a iconografia da natividade de Giotto. Aparecem elementos como a rocha e o anjo que não são ilustrativos do evangelho de Mateus, mas que podem ser encontrados nos textos retirados da Bíblia Sagrada, entre eles o livro de Pedro pertencente ao intitulado “Novo Testamento Apócrifo” que narra os eventos da infância de Jesus. Boa parte desse evangelho relata os milagres de Jesus, mas ele merece ser aqui citado porque parece esclarecer algumas questões da imagem de Giotto que não estão no evangelho de Mateus. A maioria dos apócrifos foi escrita entre 200 a.C. e 350 d.C. e os debates que resultaram na retirada de todos os livros apócrifos da Bíblia estenderam-se até o século IV quando a Bíblia assume a forma que conhecemos hoje. O apócrifo de Pedro em nada contradiz o texto do evangelho de Mateus, mas apresenta várias diferenças. Na segunda linha, Pedro fala da previsão de Zaratrusta para a vinda do Messias. A questão da estrela, símbolo espiritual ou fenômeno celeste é esclarecida pela referência ao “anjo sob a forma de uma estrela”. Esta dubiedade não importa muito porque qualquer destas alternativas ajuda a legitimar o aspecto divino da história, sendo mais um reforço à crença de que Jesus de fato é o Messias anunciado pela estrela e profetizado no Antigo Testamento. Além disso, Deus como o criador do Universo que é, pode muito bem enviar uma estrela, determinar a sua aparição e trajetória por mais excêntrica que possa parecer. No apócrifo de Pedro pode-se entender que a estrela não é necessariamente um evento celeste pela maneira que Pedro o relata. Ela é um evento claramente caracterizado como de porte espiritual; uma estrela simbólica cujo significado remete ao ato de seguir a fonte da luz, seguir a estrela, segundo Pedro, o anjo enviado. Uma intervenção divina acontece aqui, o que não elimina o evento celeste, pois Giotto fosse por que fosse não deixou de registrar o fato astronômico da estrela de Belém. A estrela é um símbolo importante na mitologia cristã, ela anuncia o nascimento do Menino Jesus e Scrovegni está entregando a capela à Virgem, a mãe desse menino. A estrela também é a estrela de Davi. As estrelas fazem aparições em muitas passagens dos livros do Antigo Testamento. Por fim, ela é a portadora da luz e pode aparecer em forma de anjo (Heinz-Mohr, 1994, p. 154). Esta polêmica não se esgota aqui. Muitos outros além de Giotto ou Scrovegni impressionaram-se com a estrela. Johannes Kepler e mais uma dúzia de astrônomos de séculos posteriores propuseram-se a pesquisar que tipo de fenômeno ela seria e encontraram dificuldade em determinar se ela existiu ou não e o que ela era. De modo que existem três ou quatro hipóteses bastante viáveis

para explicar a sua aparição. Mas não se sabe qual delas seria de fato a estrela de Belém. Parece existir uma aceitação maior para a hipótese de uma conjunção entre Júpiter e Saturno, que teria ocorrido na época e cuja luminosidade era espantosa particularmente no céu da Palestina. A argumentação acerca de sua trajetória absurda para um corpo celeste qualquer é totalmente pertinente, mas uma nova no céu também o é, e mesmo um cometa como o Halley que havia passado com destaque no ano 12 a.C. Conjectura-se ainda sobre o movimento retrógrado dos planetas que assumem um comportamento aparentemente bizarro para quem observa da terra a olho nu: parecem parados. Temos um quadro complexo de hipóteses todas bastante plausíveis. Para alguns teóricos a passagem do Halley é um acontecimento muito anterior, sem contar que na época, segundo algumas fontes, a aparição de um cometa era tida como um sinal de acontecimentos nefastos<sup>3</sup>, então a rigor, não poderia anunciar a vinda de um messias; mas por outro lado devemos considerar que o que um cometa anunciava era um acontecimento excepcional e não necessariamente mau. E se os reis magos eram astrólogos ou astrônomos babilônios ou não, ao que parece agora não é mais possível determinar-se assim como o fato de serem eles três ou não. Conjectura-se porque a tradição popular acredita que um deles era babilônio e astrólogo e os babilônios conheciam a astronomia desde a Antiguidade, e assim sendo, eles bem poderiam estar seguindo fenômenos celestes que vinham ocorrendo por esta época como bem relata a astronomia contemporânea: uma estrela nova, uma conjunção poderosa em luminosidade e até mesmo um cometa que ainda não retornou, eventos que poderiam se combinar com estrelas fixas para guiar os magos até Belém. Mas para um crente do medievo, a mão divina pode interferir em todas as coisas e lugares do universo e uma estrela bem pode atravessar os céus com esse movimento excêntrico.

### **Giotto e a adoração em Pádua**

Fosse porque Scrovegni praticava a usura e quisesse um atenuante ou mesmo obter o perdão e fosse riquíssimo, escolheu Giotto para decorar a Capela e este pintou uma adoração singela. Aplicou tons inocentes e celestiais nas cores empregadas nas cenas da vida de Jesus, a linguagem limpa e direta, característica de seu estilo foi mantida. Ele mostra os personagens naturalmente envolvidos em seus papéis no acontecimento, a rocha ao fundo, o anjo ao lado de Maria. O manto da Virgem merece menção. É possível que Scrovegni tenha determinado que o azul usado no manto fosse o azul violeta, tom de valor altíssimo entre os azuis, do qual

---

<sup>3</sup> Informação coletada em janeiro de 2009 no site  
[http://www.capuchinhos.org/porciuncula/biblia\\_responde/estrela\\_belem.htm](http://www.capuchinhos.org/porciuncula/biblia_responde/estrela_belem.htm)

poucos vestígios restam no afresco hoje, embora em quantidade suficiente para se perceber sua tonalidade diferente do azul do céu e bem mais escura. Se assim foi, sem dúvida Scrovegni desejava agradar a Virgem, pois esperava que ela intercedesse por ele no Juízo Final.

A resolução da composição é feita por planos bastante simples. Quase metade do espaço do afresco é dominada por um claro céu azul celeste onde paira uma bola de fogo alaranjada acima da cena que se desenrola, no primeiro plano, aparentemente alheia a sua passagem. É dia e essa bola de fogo de porte corta enviesadamente o céu da imagem. Não é bem uma estrela, mais parece um cometa amarelado com cauda e tudo. Lembremos do fato de que Giotto jamais usaria um símbolo nefasto para simbolizar a vinda do Messias. Embora a Igreja nesta época pudesse fechar um pouco os olhos às ilustrações referentes aos apócrifos, ela não permitiria um símbolo nefasto que anunciasse malignidades ligado ao nascimento do Cristo. Os reis estão ali cumprindo o seu papel, o de adorar o menino. A expressão grave e reverente que demonstram enquanto o mais velho deles ajoelhado beija os pés do Menino Jesus num ato de humildade, é digna de menção. Embora eles sejam homens sábios e poderosos, rendem-se ao Menino, prostram-se e o adoram. Eles reconhecem nele um líder poderoso, o “líder de todas as nações”, um Deus e por isso o reverenciam e trazem oferendas.

No vestuário dos reis, não é exatamente uma singeleza o que é sugerido porque as suas posturas solenes e a gravidade de suas expressões nos mostram que eles não são pessoas singelas ou comuns. Eles estão coroados; a coroa do rei ajoelhado depositada no chão mais parece uma mitra, o que sugere que ele poderia ser uma autoridade religiosa, sacerdotal. As vestimentas embora não contenham muitos adornos de modo algum poderiam ser denominadas de “simples”, porque uma diferença é estabelecida neste aspecto entre os personagens que tem auréola e os que não têm. A vestimenta do serviçal que segura o camelo demonstra bem isso. Cabe uma referência ao tratamento clássico no panejamento dos mantos, particularmente dos personagens em pé, que em muito lembra o tratamento da escultura grega clássica. As poses das personagens são bastante teatrais. Os reis possuem uma espécie de “elegância angelical” no vestir que não ostenta nenhum luxo excessivo. Mas eles vestem túnica e manto e tem auréolas sobre suas cabeças. Giotto aproximou suas vestimentas à vestimenta do anjo o que deixa bem clara a intenção nessa representação; tudo foi muito bem planejado para sugerir o que sugere. Esta sutileza das cores que se harmoniza com a santidade imaculada dos personagens em cena nos conta isso. Os tecidos nas vestimentas dos reis não são suntuosos, excessivamente caros e luxuosos como se vê com frequência em outras representações da época, tudo o que a imagem mostra além do acontecimento é céu e pedra.

Todos os personagens significativos ostentam auréolas de santidade; lembremo-nos que em algum momento desta história os magos foram alcunhados de “santos reis”. Além de seguirem a estrela em obediência a uma profecia, eles também recebem em sonhos um aviso para não retornarem até Herodes; uma intervenção divina acontece aqui também e eles mais uma vez obedecem e voltam por outro caminho. Ainda restam algumas questões por resolver que não se explicam pelo texto de Mateus, mas que podem ser atribuídas ao apócrifo de Pedro como o anjo por exemplo. Quanto ao ambiente pedregoso é o próprio deserto de Israel que é o local de vários dos eventos relatados na Bíblia, mesmo porque Pedro fala em seu apócrifo do nascimento de Jesus em uma gruta o que seria bastante pertinente para o deserto em questão.

Estas são apenas algumas questões que esta imagem suscita. Existem muitas outras que não foram aqui abordadas e é óbvio que esta pequena reflexão não esgota a obra de Giotto. Por ora o que nos importa é perceber que embora ele tenha ultrapassado um pouco o texto bíblico na sua representação, adicionando ao afresco elementos para os quais não existem referências em Mateus, em nenhum momento ele contraria as escrituras ou faz qualquer alusão ofensiva às imagens do Menino Jesus, de Maria e de José. Elas estão preservadas em sua santidade de acordo com os cânones da Igreja assim como as imagens dos reis pela tradição oral e visual. Segundo algumas fontes o evangelho de Mateus acentua o perfil messiânico de Jesus para contentar os fiéis oriundos do judaísmo o que o caracteriza como um evangelho de inclinação judaico-cristã e mais, se ainda paira alguma dúvida sobre o que o cometa anuncia, basta considerar que o que ele anuncia é um acontecimento *fora do comum*. Prova disso é que esta imagem permaneceu preservada na Capela Scrovegni chegando aos nossos dias sem qualquer embaraço religioso. Enquanto o cometa anuncia esse prodígio que é Jesus, Jesus é aquele que vêm morrer pelos homens. Ele inaugura uma nova ética dentro da religião. Ele é Deus, ao mesmo tempo é homem, e morre como homem por amor a humanidade para que esta possa alcançar o perdão, a salvação e ascender ao Reino dos céus.

### **Referências Bibliográficas**

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Belo Horizonte: Vega, 1978.

BAXANDALL, Michael. *O Olhar Renascente*: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos: Imagens e sinais da Arte Cristã*. São Paulo: Paulus, 1994

LINK, Luther. *O Diabo: a máscara sem rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

**Publicações**

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros, O inferno terrestre. O tempo das imagens e o tempo da história. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília. Brasília, v. 5, n. 1, p 100 – 112, 2006.